

“ARROIO-DAS-ANTAS”: FICÇÃO MÍTICA EM GUIMARÃES ROSA

Jaciene de Andrade Santos¹; Flávia Aninger de Barros Rocha²

1. Bolsista PIBIC/FAPESB, Graduanda em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: andrade.jaciene@hotmail.com

2. Orientadora, Departamento de Letras e Artes, Universidade de Estadual de Feira de Santana, e-mail: flavianinger@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Tradição literária, Guimarães Rosa, Arroio-das-Antas

INTRODUÇÃO

Ao elaborar uma definição de si mesma, a Modernidade recorre frequentemente à ideia de “novo”. De forma geral, o espírito moderno celebra a ruptura de modelos políticos, tecnológicos, sociais, filosóficos, culturais. Conforme atesta o conjunto de revoluções que embalam a Era Moderna, as transformações radicais por que passaram as sociedades desde o século XIX influenciaram em sua visão de mundo, comportamento e cultura.

No entanto, nem tudo o que se pretende novo na Modernidade o é de fato. Os discursos se renovam com o passar do tempo, atuando em base cultural comum. Ou seja, ao lado da inovação, é preciso falar em recriação. O moderno reelabora o antigo, impregnando-o de atualidade, ao mesmo tempo em que revigora a matriz cultural que o sustenta. Em Literatura, os textos convivem em intenso diálogo, no qual as vozes do passado são atualizadas. Esse transbordar do passado no presente é chamado de tradição, e se concretiza não como repetição, mas como ressignificação do passado. Dessa forma, os textos literários podem ter bases culturais equivalentes, mesmo pertencendo a diferentes épocas.

Segundo T. S. Eliot (1989), poeta e ensaísta inglês, os escritores da tradição partilham de um sentimento existente desde Homero. Eles desenvolvem a consciência do passado, ao entrelaçar elementos de seu tempo a aspectos da atemporalidade. Assim, na Modernidade também é possível identificar a profunda corrente de intertextos que subjazem à obra literária.

Embora pareça contraditório associar tradição, que pressupõe continuidade, à Modernidade, que pressupõe ruptura, Octávio Paz (1974) explica a existência de uma tradição moderna através da confluência de passados múltiplos num mesmo espaço-tempo – o Moderno –, concebidos enquanto heterogeneidade, negação, reelaboração.

Desse modo, o estudo da tradição na Literatura, proposta do projeto de pesquisa “Janela de Tomar: Matrizes culturais em narrativas portuguesas e brasileiras”, permite ao pesquisador traçar um panorama de variados aspectos culturais que embasam o pensamento ocidental moderno.

Nessa perspectiva, serão abordados aspectos da narrativa de João Guimarães Rosa – reconhecido leitor e reconstrutor da tradição na Modernidade da Literatura brasileira.

MATERIAIS E MÉTODOS

Na pesquisa, foi utilizado o conto de Guimarães Rosa “Arroio-das-Antas”, que pertence ao livro de contos *Tutameia* (1967). A análise do texto foi feita buscando os diálogos com a tradição, bem como elementos da linguagem simbólica. Para suporte teórico, foram utilizados autores como Paz (1974), Eliot (1989) e a filosofia platônica.

DISCUSSÃO

Arroio-das-Antas é o ambiente narrativo da estória: lugar longínquo e feio por trás das serras, habitado apenas por velhos. Em sentido inverso à movimentação populacional, chega ao Arroio a moça Drizilda, jovem viúva sob o peso de um drama familiar. Seu irmão matara-lhe o marido em disputa amorosa por outra mulher. Assim, o lugarejo serve a Drizilda como um refúgio, onde é acolhida por velhinhas religiosas, com as quais desenvolve uma mútua relação de amor e cuidado. De repente, uma das velhinhas, a avó Edmunda, morre. Durante o cortejo fúnebre, vem em direção a Drizilda um Moço em grande cavalo. Reconhecendo-se amantes, Drizilda e o Moço vivem paixão para toda a vida.

O enlace amoroso ocorre dentro de um enredo que relembra paisagens míticas. Segundo Mircea Eliade (1985), “o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’” (p. 11). O mito vive no tempo cíclico e abriga uma verdade que se solidifica à medida em que adquire um sentido mais profundo, transcendente. A atualização do mito ocorre porque aquele que reproduz o acontecimento passado é transposto para a época mítica em que ele foi revelado.

No conto em análise, a condição geográfica e habitacional do Arroio-das-Antas o transfigura para o intervalo prototípico do tempo imemorial. Lá, “o tempo, como sempre, fingia que passava” (ROSA, 2009, p. 48). O Arroio, como lugar separado, guarda sentido celestial. “Toda grande distância pode ser celeste” (p. 46). O deslocamento de Drizilda a esse espaço de eternidade, tipificado nas velhinhas, sugere a busca pela perfeição primordial. Drizilda é flor despetalada que se renova no “povoadozinho palustre” (p. 46). Comparada ao cravo branco, flor símbolo da fidelidade matrimonial e do amor puro, Drizilda recebe das velhinhas as benesses espirituais de quem está em contato com o divino.

As velhinhas se apresentam desde o início como almas, dentre as quais avó Edmunda representa proteção, tal como significa seu nome. O nome, em Guimarães Rosa, tem acepção semelhante à que lhe dava Crátilo no diálogo platônico. O nome não é apenas um mediador entre quem nomeia e a realidade. Ele é revelador da natureza mesma da coisa. Assim, o significado de “Drizilda” também indica características da personagem: “drys” é palavra grega que significa “árvore”. É Drizilda quem mantém a continuidade da vida no lugarejo, tomando o lugar das velhinhas, que são citadas como “secas”, “feixe de lenhazinha enxuta”.

Outro elemento relacionado às velhinhas é a formação circular com que sempre aparecem. Círculo, imagem do tempo infinito “sem princípio nem fim” da divindade: “em roda”, “em giro doce”, “circulavam-na”. A movimentação circular também demarca uma área sagrada um torno de Drizilda, inserindo-a no ciclo que lhe trará por consequência a realização amorosa. As velhinhas dedicavam todos seus esforços para o bem de Drizilda “Rezavam, jejuavam, exigiam, trêmulas, poderosas, conspiravam” (p. 49); e ela lhes retribui amor maternal. As velhinhas a ungem, preparando-a para evento inesperado. “Todo dia é véspera” (p. 49).

A permanência de Drizilda no Arroio cumpre um ritual de purificação em que suas memórias trabalham por olvidar o passado e nutrir a saudade pelo que ainda não há. Drizilda tem inclinação platônica, a saudade essencial. Cabe diferenciar o “dó de lembranças”, relacionado ao sofrimento causado por suas perdas no conflito familiar, e a saudade desejada: “Ela queria a saudade” (p. 49). Esta não se refere ao seu tempo

histórico, mas àquele reservado para além da memória: “Sua saudade – tendência secreta – sem memória” (p. 49) . Essa é a atualização da reminiscência descrita por Platão, uma lembrança anterior à vida terrena, quando a alma conheceu a visão da beleza e perfeição absolutas no universo Ideal, divino. A essa perfeição lembrada aspira o ser amante, tal qual Drizilda.

Na saída do enterro da avó Edmunda, Drizilda se apresenta à frente, engrinaldada, como uma noiva pronta para o enlace. A morte da avó Edmunda é o completar do ciclo da vida. Segundo o Taoísmo, a morte é integrante natural da vida, passagem para outras formas de existência. Nessa passagem, o encaixe morte-vida se dá pelo renascimento de Drizilda quando encontra o Moço, já que amor e morte aspiram ambos ao divino.

Drizilda e o Moço formam o encaixe perfeito, o Yin-Yang. Esse “amor para sempre” ainda agrega valores dos contos de fada, nos quais a heroína padece resignada, cumpre um percurso de aprendizagens e, enfim, é salva pelo príncipe. O final venturoso de Drizilda tem seu complemento no amor, mas é operado pela força da espiritualidade, como nos faz lembrar Rosa, contrariando o pensamento pragmático da modernidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do conto possibilita conhecer a grande rede de matrizes culturais que permeiam a construção literária moderna. Nele, o apelo ao tempo da tradição mítica e à renovação cíclica da vida constituem traços principais. Aliando permanência à renovação, o estudo da tradição literária se mostrou fundamental para que os sentidos da leitura do texto ossem formados.

Além disso, é possível afirmar que a fluência com que Guimarães Rosa trata de temas universais é favorecida pelo diálogo com o passado constante em suas obras, incorporando nelas o sentido da atemporalidade.

REFERÊNCIAS

- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. 1999. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: José Olympio. 14. ed.
- ELIADE, Mircea. 1985. *O mito do eterno retorno: arquétipos e repetição*. Lisboa: Ed. 70,.
- ELIOT, T.S. 1989. *Ensaio*. Art Editora: São Paulo.
- PAZ, Octávio. 1984. *Os Filhos do barro*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. p. 17-27.
- PLATÃO. 2010. *Apologia de Sócrates, O Banquete e Fedro*. Trad. Edson Bini, Albertino Pinheiro. São Paulo: Folha de São Paulo.
- ROSA, João Guimarães. 2009. *Tutameia* (terceiras estórias). Rio de Janeiro: Ediouro Publicações. 9. ed.